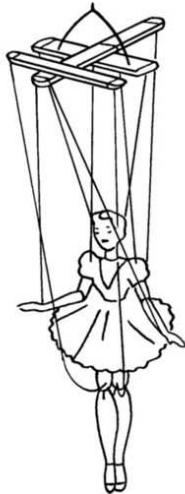


“Quando o corpo fala, a boca cala; quando a boca fala, o corpo cala”



Na tradição científica e filosófica, há uma divisão entre o corpo e a mente, sendo que a medicina é a ciência responsável pela matéria orgânica e a psicologia pela mente e as emoções.

Atualmente há uma abordagem integral dos cuidados de saúde, que compreende que há um sofrimento psíquico intrínseco em toda doença orgânica. Não existe uma separação formal entre o corpo e a mente, ao contrário, há uma íntima ligação entre os estados afetivos e as manifestações corporais.

Grande parte dos transtornos mentais inclui queixas somáticas e alteração de como a pessoa percebe seu corpo e seus órgãos do sentido (olfato, visão, audição, tato e gustação). As queixas de fenômenos corpóreos são as mais variadas e inusitadas possíveis, pois abrangem uma gama de experiências subjetivas que o sujeito pode ter com seu corpo.

É comum que ao falar sobre as alterações de seu corpo, o paciente tenha como resposta que são de fundo emocional ou “da cabeça”, mas isso em geral não responde aos anseios daquele sujeito nem cessa mal estar causado pelos sintomas.

Quando um profissional da saúde afirma que não foi evidenciado nada no corpo, e que a causa deve ser emocional, o paciente logo fica apreensivo, ansioso e descrente. Ainda hoje se tem um entendimento de que as dores emocionais são produzidas conscientemente pela pessoa, simuladas, encenadas, dissimuladas ou fingidas em busca de atenção. Essa é uma compreensão equivocada da abordagem psicossomática, que faz com o sujeito sintá-se ainda mais desamparado e angustiado com sua situação.

O sintoma psicossomático é sentido como real: uma dor que corta a carne, uma tontura que desequilibra, uma respiração em que falta o ar, uma fome que não se sacia, uma memória que se apaga. Sua formação pode ser compreendida como metáfora ou enigma, em que o sintoma aparece como uma questão subjetiva, sinalizando algo que não vai bem na vida do sujeito e reflete-se em um mal estar no corpo físico e emocional. A questão do sujeito está implicada com sua história e sua problemática atual, e apresenta-se como um enigma do tipo: “O que meu corpo simboliza nesse sintoma?” ou “Que mensagem está embutida ali e a quem se destina?”

Ao contrário da medicina, a psicologia compreende o sintoma como solução a uma questão subjetiva, em que adoecer muitas vezes aparece como a alternativa mais viável e mais saudável para o sujeito. Um momento de parada do corpo, que pode indicar que esse corpo necessita de cuidados e a forma como se encara a vida deve de ser reavaliada. É muito comum que essa questão pareça sem sentido no início do processo terapêutico, mas ao longo do tratamento o paciente pode buscar elaborar sua questão, construir a pergunta subjetiva: a que esse sintoma responde em sua vida?

“Quando o corpo fala, a boca cala; quando a boca fala, o corpo cala”

Quando não se consegue falar sobre o que está se passando, essa fala se apropria do corpo como apresentação da expressão de uma fala não dita.

Kátia do Vale Pereira Flores da Silva

Psicóloga CRP 12/09777 | Psicanalista em formação | Especialista em Saúde Pública |

Núcleo de Apoio à Saúde da Família | CEMPS TIJUCAS